

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

Ferramentas do jornalismo numérico em dispositivos móveis

Magaly Parreira do Prado – Dra em Comunicação e Semiótica e Ms em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (PUC/SP). Prof. da graduação e do MPPJM da ESPM

Resumo: O recorte do levantamento para este estudo cruza as novas formas de se fazer webjornalismo com a reconfiguração contínua de ferramentas digitais, aplicativos e *players* -- a propiciar todas e quaisquer coberturas jornalísticas em campo--; o fenômeno do jornalismo participativo, que acessa o lado emocional das pessoas, ou as suas variadas denominações: colaborativo, cidadão, *open source*, coletivo etc., a atuar concomitantemente ao jornalista profissional. Toda a produção e edição, preferencialmente, a destacar as narrativas visuais, cada vez mais instantâneas, momentâneas e fluídas a ditar a tendência para atrair público.

Palavras-chave: ferramentas, webjornalismo móvel, TAR, jornalismo participativo

Introdução

O recorte da pesquisa atual sobre as ferramentas necessárias para acompanhar a revolução permanente que o ciberespaço causa ao jornalismo, culminando em uma nova construção da prática jornalística, mostra o envolvimento intrínseco com as redes sociais e, conseqüentemente, a mudança desde a linguagem, passando pela arquitetura da informação, até, e especialmente, os conteúdos abordados a repercutir necessidades urgentes, porque, obviamente, não se pensa apenas no instrumental, ao contrário, os assuntos pululam nas mentes por estarem embricados às nossas vidas.

Metodologia

O método de pesquisa possui duas dimensões, uma é epistemológica ancorada nas bases conceituais da Teoria Ator-Rede (Latour), nas redes móveis (Santaella) e no jornalismo participativo (Deuze); a outra dimensão é operacional e a aplicação utiliza o estudo de caso e categorias de análise a serem definidas a partir das concepções teóricas. Ao triangular o suporte teórico a pensadores de temas análogos, relacionamos a comunicação na hipermobilidade, a velocidade e o hibridismo com autores acostumados a avaliar a notícia em tempo real, a interação, a emoção e aqueles que se debruçam sobre as ferramentas acionadas para exercer o jornalismo móvel.

Em um ensaio Lemos (2011, online) destacou a Teoria-Ator Rede:

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

A perspectiva da ANT privilegia o trabalho de “formiguinhas” (“ants”), já que o conhecimento do social só é possível depois de um esforço de identificação dos diversos atores (chamados de actantes -sem ser exclusividade de sujeitos humanos) e de suas associações. (...) O social se dá *a posteriori* por conexões, mobilidade, mediações, traduções e fluxos. A sociologia e a comunicação devem ser pensadas como aquilo que resulta das ações em movimento e não apenas como o que enquadra (*frame*) ou estrutura esses agrupamentos.

França (2016), na conjuntura deste estudo preliminar --que lida com humanos e objetos (Latour) em suas redes móveis de forma ubíqua (Santaella)--, expõe como a perspectiva pragmatista nos orienta ao dizer que visa “buscar nas ações humanas (na dimensão empírica) o seu estímulo e ponto de partida; a tomar os objetos (produtos, situações, acontecimentos) em seu contexto mais amplo”; e diz mais: “a atentar para o encadeamento e desdobramento das ações, buscando apreender a realidade em seu permanente movimento”.

Os objetos empíricos, no entanto, os objetos do mundo, não constituem monopólio de nenhuma ciência. E se pensamos no campo das humanidades, as diferentes ciências se constituíram não por um recorte objetivo (um retalhamento) da realidade, mas pelos diferentes vieses com que perscrutaram a totalidade da vida social, pelas leituras específicas que promoveram de um real que se apresenta e é vivido por nós como totalidade (2016, 155-156).

Discussão

Ao propor analisar uma nova forma de fazer jornalismo, é bom lembrar que não está (e nem é para estar) fechada, mas em progresso, sendo tensionada e testada a cada nova experiência com o dinamismo que o momento exige. A lista é extensa: aplicativos são verificados, novas formas de interação e de automatização são checadas. Um exemplo apenas: digamos que gravar uma entrevista pelo celular é mais fácil, pois intimida menos quem dá a entrevista. Um gravador sempre tem aquele ar mais austero. O jornalista móvel está preparado para tudo o que possa aparecer na sua frente, pois ele está com seu aparato no bolso. Se precisar, ele grava o áudio, um vídeo ou fotografa, edita em seguida e coloca imediatamente na rede. O jornalista móvel é multimídia.

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

Não se pretende impor uma nova estrutura, apenas colocar à prova diferentes formas de trabalhar o jornalismo aliado às tecnologias digitais de ponta. Propor experimentos para testar ferramentas no intuito de proporcionar capacitação aos jornalistas e jornalistas cidadãos a desenvolver o *mindset* digital de maneira que as ações possam ser coletivas, com fórmulas criando fórmulas. A ideia é somente mostrar que existem outras possibilidades de produção de conteúdo. Mas, quando fala-se “jornalismo”, significa dizer o jornalismo atual, o jornalismo multimídia, o jornalismo líquido.

Sob uma cultura de mídia em constante modificação, reforça Deuze (2015), “em direção a uma maior interatividade e a práticas bidirecionais e co-criativas (JENKINS, 2006), (espera-se) que os profissionais de mídia e suas audiências cada vez mais trabalhem juntos, para conversar, colaborar e co-criar”.

Desse modo, é pertinente frisar que este estudo não se atém a apenas revisar bibliografia, testar aparatos, categorizá-los e escolher exemplos para uso como estudo de caso, pois a complexidade da reflexão do *corpus* do estudo ultrapassa qualquer novo uso de *device*, todo tipo de formato despontado e quantas mais plataformas dentro das já existentes chamadas multiplataformas que possam surgir. Isso atesta o quanto estamos (todos: pesquisadores, jornalistas, colaboradores, cibercidadãos) tateando na vida numérica e como nos tornamos humanos digitais em constante fricção com as máquinas e dispositivos a nos rodear e a colar-se aos nossos corpos. Indica, também, pistas sobre como devemos perceber esse novo modo de conviver de forma participativa a entrelaçar na vida das outras pessoas e, enfim, o mais insólito: o que sentimos com isso tudo.

“Se você for às ruas e olhar ao seu redor, se falar com seus amigos e familiares sobre o uso da mídia, todas as expressões sobre mídia são emocionais”, frisa Deuze. Porém, diz ele: “raramente levamos a sério essa emoção ou a consideramos como um ponto de partida para a teorização da mídia; e seria bastante valioso levarmos essas emoções a sério”.

Nossa mídia tornou-se fisicamente e emocionalmente muito próxima, muito íntima. Essa é uma tendência de longo prazo e esse aumento da intimidade não acontece sem

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

problemas e sem frustrações. Há tentativas de nos controlar ainda mais e com sucesso por meio das emoções. (DEUZE, 2014, online).

Conclusões

Percebemos que não se pode mais fazer jornalismo apenas para o público convencional. Os leitores de hoje são internautas (muitas vezes interagentes), estão hiperconectados nas redes sociais e, inclusive, além de ouvir áudios e ver vídeos, gravam, registram e transmitem *streamings* de seus momentos, dos fatos em seu entorno, enquanto navegam, trabalham, caminham pelas ruas, portanto, não devemos dissociá-los.

No artigo “Modos de Mediação” (2009), Lemos reforça essa ideia de usar informação geolocalizada: “(...) Com a internet móvel e locativa não se trata de investigar as relações desmaterializadas do ciberespaço.”

Como tudo se passa em um contexto local, concreto e material, temos que olhar como uma rede de atores (redes, dispositivos, sujeitos, contexto) altera o processo comunicacional no espaço urbano; como eles tensionam comunicação e espacialização.

Esses modos são a forma como se dá a produção social do espaço: escrita, escuta, visibilidade, sociabilidade, acesso e lúdico, diz Lemos. “Esta escolha leva em conta a materialidade da comunicação e os diversos híbridos formados por humanos e não humanos, permitindo investigar as redes formadas e o uso do espaço urbano.”

“Na TAR a mobilidade é a associação em realização, a da sociedade se constituindo”, constata Lemos. Para a TAR, não é possível compreender o campo social sem descrições das associações entre actantes humanos e não-humanos. “E o reconhecimento da agência dos actantes não-humanos pode ser uma das peças chaves para ampliarmos a relação entre TAR e Comunicação” (ibidem). “Para a comunicação, já que nosso campo é dependente (talvez ainda mais do que outros) das ações dos dispositivos e artefatos de comunicação (actantes não-humanos), seria enriquecedor partirmos para o empirismo proposto pela TAR” (LEMOS, 2011, online).

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

É o que este estudo faz: partir para o empirismo proposto pela Teoria Ator-Rede.

Referências

DEUZE, Mark. In: **Vida na Mídia: além do jornalismo**. Entrevista para Beatriz Becker (realizada em set. 2014). Revista Eco Pós. nº 19. vol 1. 2016. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. <www.posecoufrj.br>. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/3354/2629>. Acesso em 18 out. 2016.

FRANÇA, Vera Veiga. **O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional**. In Pesquisa em Comunicação: Metodologias e práticas acadêmicas. MOURA, Cláudia Peixoto de e VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata (orgs.). 2016.

LEMOS, André. **VOCÊ ESTÁ AQUI! Mídia locativa e teorias materialidades da comunicação e AtorRede**. In: COMPOS. 2011. Disponível em <http://compos.com.puc-rio.br/media/gt4_andre_lemos.pdf>. Acesso em 2 nov. 2015.

PRADO, Magaly. **Tendência de apontamentos geolocalizados na cibercultura explode ferramentas sociais como o Foursquare**. In: GP Jogos, Redes Sociais, Mobilidade e Estruturas Comunicacionais Urbanas, SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 5, Florianópolis. 2011.

SANTAELLA, Lúcia. **A cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.
_____. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010a.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do twitter**. São Paulo: Paulus, 2010b.

_____. **Comunicação ubíqua: Repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.